

INTRODUÇÃO

A necessidade, cada vez maior, diante de um mundo globalizado, de se combater práticas ultrapassadas e refletir sobre o tipo de cidadão que queremos, passa pelo tipo de Educação que estamos desenvolvendo.

A Teoria das Inteligências Múltiplas vem ao encontro a esses anseios, mas como toda mudança, exige uma revisão pedagógica do processo escolar. Assim, é necessário conhecer e compreender os fundamentos e as aplicações das teorias para que, verdadeiramente se repense as práticas pedagógicas, sem cairmos num discurso vazio.

Dentro desta proposta os principais questionamentos desse trabalho abrangem perguntas como: O que é a teoria das Inteligências Múltiplas? Quais as implicações dessa teoria no processo ensino-aprendizagem? Como utilizar seus fundamentos na sala de aula? De que forma podemos utilizá-la nas dificuldades de aprendizagem?

Através da contextualização da Teoria das Inteligências Múltiplas foi feita uma avaliação de seus fundamentos, sua importância e sua transposição para o ambiente escolar, de forma que os educadores possam agregar conhecimentos para fortalecer, modificar e refletir sobre sua prática de forma consciente e coesa gerando mudanças dentro da sala de aula.

É importante discutir de forma crítica as inteligências múltiplas, situá-la no século XXI, para que se possa aproveitá-la para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente e para a compreensão do processo ensino-aprendizagem.

O tema Inteligências Múltiplas foi escolhido, pois trata justamente do reconhecimento da pluralidade do indivíduo e das formas singulares por meio das quais interagem com o mundo. Forma essa, importantíssima no processo de ensino-aprendizagem. Reconhecer as diferenças individuais pode garantir o sucesso no ensino do sistema educacional. Saber identificar e trabalhar efetivamente com as múltiplas inteligências constitui inúmeras possibilidades para a sociedade, no sentido de possibilitar o desenvolvimento de competências e a construção de uma escola melhor.

Esse trabalho tem como justificativa fornecer embasamento teórico, mostrar e

demonstrar a importância das diferenças e a necessidade de saber lidar com elas e teve como fundamentação teórica às pesquisas realizadas por Gardner no desenvolvimento do conceito de inteligência, na constatação da existência das múltiplas inteligências e na sua aplicação na escola.

OBJETIVO GERAL

O objetivo deste trabalho consistiu em rever os conceitos da Teoria das Inteligências Múltiplas, refletir sobre os Quatro Pilares da Educação contemporânea e perceber sua correlação com as inteligências múltiplas e contribuir para aquisição de fundamentos teóricos e práticos para uma nova abordagem educativa frente às dificuldades de aprendizagem.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Os objetivos específicos desse trabalho foram o de identificar e verificar os conhecimentos dos educadores sobre o tema e correlacionar a Teoria das Inteligências Múltiplas com as práticas pedagógicas e os distúrbios de aprendizagem demonstrando a sua importância no contexto escolar.

MÉTODO

A metodologia de trabalho se enquadra numa abordagem qualitativa de pesquisa e análise e na realização de uma pesquisa de campo por meio de um questionário. Essa revisão bibliográfica não procurou esgotar o assunto, mas dar um novo enfoque para a discussão sobre as inteligências múltiplas.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 SOMOS TODOS IGUAIS? UM ENFOQUE NAS DIFERENÇAS

De acordo com PIERUCCI (1999) em seu livro *Ciladas da Diferença* afirma:

Somos todos iguais ou somos todas diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava, segura de si, no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se em ritmo acelerado e perturbador a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato, por tanto temos cores diferentes na pele e nos olhos, temos sexo e gênero diferentes além de preferências sexuais diferentes, somos diferentes de origem familiar e regional, nas tradições e nas lealdades, temos deuses diferentes, diferentes hábitos e gostos, diferentes estilos ou falta de estilo; em suma, somos portadores de pertencas culturais diferentes. Mas somos também diferentes de direito. É o chamado 'direito à diferença', o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. The right to be different!, é como se diz em inglês o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos. Motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros (PIERUCCI, 1999).

A aceitação das diferenças é uma das principais questões da atualidade dentro do contexto escolar e social. As diferentes sociedades, culturas, nas diferentes épocas da história, possuem seu ideal de homem perfeito. No último século, com os avanços tecnológicos, homem perfeito é o individuo inteligente.

No século XVI René Descartes analisa a mente humana e declara que antes de qualquer outro tipo de percepção deve-se ter a percepção de si mesmo e que a mente parte de sensações para buscar o conhecimento que é feito através da compreensão e do entendimento. Além de Descartes outros pensadores como John Locke, Gottfried, Leibnitz e Immanuel Kant buscaram respostas e desenvolveram diferentes teorias da mente.

As respostas para a pergunta “somos todos iguais?” são diversas e, muitas vezes, trazem implícitos os próprios interesses pessoais. Através de uma visão pluralista do ser humano, Gardner, desenvolveu a Teoria das Inteligências Múltiplas, na qual defende que o ser humano possui diversas inteligências e não apenas uma.

1.2 A Teoria das Inteligências Múltiplas.

Segundo o próprio GARDNER (1995) “A Teoria das Inteligências Múltiplas, veio para desfazer a hegemonia de uma única inteligência e em reconhecer a inerente pluralidade das faculdades mentais”. Com essa afirmação buscou romper com o paradigma de que uma pessoa ou é inteligente ou não é. Ao contrário, demonstrou que os indivíduos apenas possuem formas diferentes de ver e relacionar se com o mundo e o conhecimento.

O enfoque que GARDNER (1993) deu ao seu trabalho baseou-se na pesquisa psicológica, nas ciências biológicas e do uso do conhecimento nas diferentes culturas/sociedades. GARDNER (1993) propõe uma teoria onde à inteligência, em contraponto aos estudos da inteligência psicométrica, passa a ser vista como uma gama de competências, que vai muito além daquela determinada pelos testes de QI, baseados na lógica e na lingüística.

A crítica que GARDNER (1993) fez aos modelos tradicionais de inteligência refere-se ao fato que para a análise eficiente da cognição devemos incluir todas as diferentes habilidades humanas que são usadas para resolver e elaborar problemas e não apenas as que podem ser medidas ou testadas.

Assim, aproveitando-se dos conceitos da epistemologia genética de Piaget dos conceitos da psicologia cognitiva, inteligência pode ser definida como “a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (GARDNER, 1993, p. 14).

A contribuição maior da Teoria das Inteligências Múltiplas é o fato de considerar a inteligência como algo multifacetado, portando os indivíduos não podem ser entendidos de uma mesma forma, nem seu processo de aquisição do conhecimento.

A aceitação da Teoria das Inteligências Múltiplas torna claro, que cada indivíduos são diferentes uns dos outros e, que suas inteligências podem aparecer em maior ou menor grau e em diferentes momentos da vida. Essa idéia de que o homem possui muitas inteligências não é recente, sendo que a contribuição de Gardner foi a de organizar e sistematizar esses conhecimentos agregando-os às novas ciências que investigam o cérebro humano e pluralizar o uso do termo inteligência.

BRAGA (2005) resume no Quadro 1, as diferentes características, com

relação ao intelecto, as habilidades humanas, a estrutura cognitiva, da Teoria Geral da Inteligência e a Teoria das Inteligências Múltiplas.

TEORIA GERAL DA INTELIGÊNCIA	TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPAS
Considera o intelecto como um todo indissociável.	O intelecto é fragmentado em vários componentes.
Há uma habilidade geral (essencial) acidentalmente determinada para uma direção particular.	A facilidade de um indivíduo em lidar com um determinado conteúdo apresenta pouco poder prognóstico sobre sua facilidade com outros tipos de conteúdos.
A estrutura da cognição humana é formada por uma inteligência única, mais ou menos especializada conforme as tendências e os estímulos do meio.	A estrutura da cognição humana é formada por inteligências mais ou menos independentes e autônomas.
As principais funções intelectuais são propriedades do cérebro como um todo.	Diferentes partes do sistema nervoso intermediam diversas capacidades intelectuais.
Holistas	Localizadores
Estruturas gerais da mente e um fator geral do intelecto (Piaget).	Uma família de habilidades sem proeminência entre elas.
Funções mentais como memória, percepção e atenção fazem parte da estrutura geral da mente.	Não há poderes mentais gerais, como percepção, memória, e atenção; mas antes, há diferentes formas de percepção, memória e similares para cada uma das diversas faculdades intelectuais.

QUADRO 1 - Teoria Geral da inteligência X Teoria das Inteligências Múltiplas

Fonte: Braga (2005)

Após duas décadas, depois da publicação do livro Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas, de 1983, Gardner apresenta uma definição mais refinada conceituando inteligência como “um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura” (2000, p.191).

Na definição houve, aparentemente, poucas mudanças, mas foi o suficiente para sugerir que as inteligências devem ser vistas como potenciais neurais que dependendo da cultura, das oportunidades, das decisões individuais e coletivas podem ou não ser desenvolvidas. Assim, de acordo com Gardner “As inteligências não são objetos que podem ser vistos ou contados” (2000, p.57).

As inteligências para Gardner embora possam ser consideradas de forma individual, possuem entre si muitas interfaces e estão em constante comunicação.

No princípio do seu trabalho Gardner acreditava que cada inteligência deveria ter um núcleo, ou melhor, uma localização específica dentro do cérebro, conforme mostra o Quadro 2.

INTELIGÊNCIA	ÁREA CORTICAL RESPONSÁVEL
Lógico-matemática	Região têmporo-parieto-ocipital
Lingüística	Área de Wernicke, área Broca, região têmporo-parieto-ocipital (hemisfério esquerdo)
Musical	Lóbulo temporal (hemisfério direito)
Corporal-cinestésica	Giro pós-central, córtex pré-motor
Espacial	Região têmporo-parieto-ocipital
Interpessoal	Lóbulos frontais
Intrapessoal	Lóbulos frontais

QUADRO 2 - Localização cortical das inteligências proposta por Gardner

Fonte: Gardner (1993)

Para GARDNER (2000), com o avanço das ciências tecnológicas, é mais correto afirmar que cada inteligência abrange várias áreas do cérebro e pode acontecer em áreas diferentes para cada pessoa devido às suas experiências e vivências. Os seres humanos não são iguais entre si e, portanto, não podemos querer que o sejam em suas inteligências e no modo de processá-las.

Gardner afirma que “o mundo pode ser em parte uma reflexão das inteligências humanas”. O autor contribuiu ainda, com a introdução de três termos de inteligência:

Inteligência como sendo propriedade dos seres humanos (os indivíduos possuem pelo menos 8 tipos de inteligências); Inteligência como uma dimensão onde os seres humanos diferem entre si (não há ninguém com um mesmo perfil de inteligências); Inteligência como um modo pelo qual se leva à cabo uma tarefa em virtude das metas pessoais (GARDNER, 2000, p.60).

A forma de abordagem de Gardner para definir as inteligências foi feita de uma maneira diferente das utilizadas pelos psicólogos, que usavam a psicometria. GARDNER (2000) utilizou um conjunto de oito critérios para definir suas inteligências:

1. O potencial de lesão cerebral: baseado nas ciências biológicas. Buscou provar que as inteligências estão dissociadas, estudando casos de pacientes com lesões cerebrais;

2. Uma história evolucionária e plausibilidade evolucionária: baseados em estudos sobre a evolução humana e na psicologia evolucionária tendo como critério às ciências biológicas;
3. Uma operação ou conjunto de operações nucleares identificável: critério proveniente da análise lógica. Tem como intenção identificar as capacidades nucleares para cada inteligência;
4. Suscetibilidade à codificação num sistema de símbolos: baseado na análise lógica. Procura a relação do cérebro com os sistemas de símbolos utilizados, historicamente, pelas pessoas e que alcançam sua máxima nas escolas.
5. Uma história do desenvolvimento distinta, juntamente com um conjunto definível de desempenhos “acabados”: relaciona as histórias das inteligências, pois, os indivíduos não exibem suas inteligências “em estado natural”;
6. A existência de sábios idiotas, prodígios e outras pessoas excepcionais: observação e análise das diferentes formas de inteligência apresentadas por pessoas excepcionais;
7. Apoio de tarefas psicológicas experimentais: busca a observação de como as pessoas se saem ao executar simultaneamente duas atividades distintas para verificar as relações entre as operações;
8. Apoio de descobertas psicométricas: levam em conta as descobertas psicométricas e suas aplicações em determinados contextos.

Os itens V e VI são critérios que têm por base a psicologia do desenvolvimento e os VII e VIII da psicologia tradicional.

Segundo o próprio Gardner “esses critérios não representam a última palavra em identificação de inteligências. Hoje, talvez eu os definisse de outra maneira e daria muito mais ênfase à relevância das provas transculturais” (2000, p.55).

Os indivíduos aprendem de diferentes formas, através da exploração da realidade e das capacidades que estão vinculadas às inteligências, servindo de ferramentas para a aquisição de dados que posteriormente serão convertidos, ou não, em conhecimento.

No Quadro 3, Gardner examina a inteligência através de quatro focos centrais, tendo por base as questões referentes à própria inteligência, ao talento e criatividade.

TERMO	ESFERA	IDADE/FOCO	STATUS DO DOMÍNIO/CAMPO	QUESTÕES RELEVANTES
Inteligência	Biopsicológico	Todas		
Talento	Biopsicológico	Jovem/crescendo	Pré-domínio Pré-campo	Experiência cristalizadora
Prodigiosidade	Biopsicológico	Crescendo	Domínio campos atuais	Amplios recursos
Perícia	Domínio campos atuais	Pós-adolescência	Domínio campos aceitos	Conhecimentos e habilidades cumulativos
Criatividade	Domínio campos futuros	Pós-adolescência	Choque com domínio/campo	Assincronia produtiva
Gênio	Ampla domínio Largo campo	Pessoa madura	Universal	Vínculo com a infância

QUADRO 3 - Matriz de talentos

Fonte: Gardner (1995, p. 56-57)

Pelo resultado das pesquisas de Gardner, percebemos que a inteligência possui um caráter democrático, já que os indivíduos nascem com todos os tipos, e que a diferença entre eles é fruto dos estímulos recebidos durante a vida, resultando em um maior ou menor desenvolvimento cognitivo.

Podemos afirmar que as pesquisas de Gardner sobre inteligência contribuíram para a evolução do conceito. Uma grande contribuição é o fato de que a inteligência pode ser desenvolvida. É possível, dentro de certos parâmetros, construir inteligências e, inclusive, que podemos perdê-las, já que o cérebro pode atrofiar. Ser inteligente é uma exigência da natureza humana.

1.3 As Inteligências de Gardner.

Durante suas pesquisas, Gardner conseguiu perceber que as pessoas têm pelo menos oito modos diferentes de se relacionarem com o mundo, surgindo daí, o que ele chamou de as oito inteligências. Essas inteligências não funcionam sozinhas, mas, combinam-se entre si, trabalhando conjuntamente para produzir o aprendizado.

Apesar de muitos estudiosos, sobre o assunto, acreditarem que existam outros tipos de inteligência, Gardner descreve oito inteligências: lingüística, lógica-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal. A

inteligência naturalista foi adicionada às sete outras, pelo próprio Gardner, em 1991.

A seguir uma descrição do que seria cada uma das oito inteligências propostas por GARDNER (1993), que embora distintas, não são completamente independentes entre si, trabalham conjuntamente para resolverem os problemas.

1.3.1 Inteligência verbal-lingüística

Pode ser definida, segundo Gardner como a “capacidade que as pessoas têm de se expressar através da linguagem oral ou escrita” (1993, p.35). Muito comum em oradores, poetas, escritores e compositores. Seus componentes são:

- Sintaxe: possui o domínio das regras e da ordenação das palavras e suas inflexões;
- Fonologia: habilidade e sensibilidade aos sons da fala;
- Semântica: sensibilidade aos diferentes significados das palavras;
- Pragmática: capacidade de compreender e empregar os diferentes usos que se pode dar à linguagem.

Machado de Assis e Oscar Wilde servem de exemplo para a inteligência verbal-lingüística. Podemos perceber essa inteligência, na criança, através da observação de como relatam ou contam histórias ou fatos que viveram.

1.3.2 Inteligência lógico-matemática

Ocorre pela definição de Gardner “quando existe o domínio dos raciocínios lógico e dedutivo e a compreensão de modelos matemáticos” (1993, p.36). Essa inteligência está associada ao pensamento científico e os seus principais componentes são:

- Facilidade para reconhecer a natureza das ligações entre as diferentes proposições;
- Noção de seqüencialidade de eventos;
- Capacidade de comparação e abstração;
- Memórias para etapas numa cadeia de raciocínio;
- Noção de causa e efeito;
- Facilidade para trabalhar e formular hipóteses.

A criança com desenvoltura nesta inteligência apresenta facilidade para contar e fazer cálculos. Einstein e o astrônomo brasileiro Mário Schemberg são exemplos desse tipo de inteligência.

1.3.3 Inteligência espacial

Pode ser descrita, para Gardner como a “capacidade de perceber o mundo visual e espacial de forma precisa e a facilidade de orientar-se, formando um modelo mental da sua realidade espacial” (1993, p.37). A inteligência espacial tem como principais componentes:

- Capacidade para pensar sobre as relações espaciais, pondo-se como observador;
- Reconhecer objetos em diferentes ângulos;
- Habilidade descritivo-visual;
- Aguçada noção de perspectiva.

Percebe-se, nas crianças, esse potencial em atividades como quebra-cabeças, jogos de orientação e localização e identificação de detalhes visuais. Leonardo da Vinci e o arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer são alguns exemplos desta inteligência.

1.3.4 Inteligência musical

Habilidade de se expressar através dos sons, de apreciar, compor ou reproduzir sons que façam sentido. Suas características básicas, segundo Gardner são: “Capacidade e sensibilidade para perceber os tons, timbres, ritmos e temas dos diferentes sons ou peças musicais; Habilidade na reprodução de sons; Capacidade de produção musical (instrumental e canto)” (1993, p.38-39).

A criança com essa capacidade é capaz de perceber e diferenciar sons do seu meio ambiente e costuma cantar para si mesma. Mozart e o instrumentista brasileiro Hermeto Pascoal possuem uma apurada inteligência musical.

1.3.5 Inteligência corporal-cinestésica

A pessoa com essa inteligência, segundo Gardner, costuma ter “domínio dos movimentos do seu corpo e na manipulação de objetos” (1993, p.40). Na criança, essa habilidade é percebida através da observação dos seus movimentos, do ritmo, da agilidade atlética e de uma coordenação motora desenvolvida. Pelé e Fred Astaire são exemplos dessa inteligência.

Seus componentes abrangem:

- Capacidade para resolver problemas com o corpo;
- Domínio da psicomotricidade, do esquema corporal, da somatognosia (capacidade de percepção do próprio corpo), da lateralidade e da harmonia nos movimentos.

1.3.6 Inteligência interpessoal

É a capacidade de se relacionar e interagir eficientemente com outras pessoas, através da compreensão dos humores, motivações e desejos dos outros. Estão relacionadas ao convívio humano, as relações interpessoais e à comunicação. Seus componentes básicos para Gardner são: “Capacidade de cooperação e liderança; Habilidade de resolver conflitos; Habilidade de promover relacionamentos eficientes; Capacidade de criação e manutenção de sinergia; Capacidade de análise social” (1993, p.42-43).

As crianças com essa inclinação possuem a capacidade de liderança. Ghandi e o humorista brasileiro Jô Soares são representantes da inteligência interpessoal.

1.3.7 Inteligência intrapessoal

É a capacidade, segundo Gardner “de estar bem consigo mesmo, reconhecendo seus próprios sonhos, idéias e sentimentos, administrando-os de forma eficiente e usando-os para resolver problemas e alcançar objetivo” (1993, p.44). Como esta inteligência é extremamente pessoal, só pode ser identificada através de sistemas simbólicos pela manifestação das outras inteligências. São componentes dessa inteligência:

- Capacidade de transcender à satisfação dos impulsos instintivos;
- Capacidade de acesso aos próprios sentimentos e de auto-reflexão;
- Habilidade para discriminar os sentimentos e usá-los como orientador do seu comportamento;
- Habilidade para gerenciar sentimentos e emoções;
- Demonstra autoconfiança desenvolvida e grande motivação interior.

1.3.8 Inteligência naturalista

É a capacidade acurada de observar os padrões e fenômenos da natureza. Está ligada à compreensão do meio ambiente. Seus componentes, segundo Gardner são: “Capacidade de se sensibilizar com as questões do meio ambiente; Habilidade para desenvolver projetos em defesa da natureza; Capacidade de viver em sintonia com animais e plantas; Grande preocupação com o manejo sustentável dos recursos naturais” (1993, p.47-48). Nas crianças apresenta-se através do gosto pelos animais e plantas e por uma afinidade pela natureza. Darwin e o brasileiro Orlando Villas Boas são exemplos dessa nova inteligência.

GARDNER (2000) vem trabalhando para identificar mais uma inteligência que chamou de existencial, voltada para questionamentos de ordem filosófica e religiosa. Para ele, a inteligência existencial ainda não pode ser totalmente aceita como uma verdadeira inteligência.

1.4 As Inteligências Múltiplas e os Quatro Pilares da Educação.

Segundo as próprias palavras de Delors a verdadeira missão da educação é “fazer com que todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal” (2001, p.16).

Ao analisarmos a afirmação de DELORS (2001) percebemos um dos principais fundamentos da Teoria das Inteligências Múltiplas, o de perceber as diferentes possibilidades de cada um e investir no seu desenvolvimento. Assim como os Quatro Pilares, a Teoria das Inteligências Múltiplas, tem como objetivo, quando voltada à Educação, de formar a pessoa, buscando desenvolver um ser

complexo que sente, percebe, aprende, pensa, imagina, cria, sonha, decide de múltiplas formas.

Essa abrangência das competências humanas está relacionada a todas as inteligências descritas por Gardner e, quando desenvolvidas plenamente, resultam no cidadão que queremos para o século XXI. Através da construção das inteligências temos um papel mais ativo na construção do nosso próprio destino, transformando o conhecimento em uma forma de aprender e compreender melhor o mundo, preparando-se para uma cidadania plena e consciente e para os desafios da sociedade globalizada, conforme preconiza os quatro pilares da educação.

GARDNER (2000) lembra que as inteligências não devem ser confundidas com disciplinas, pois, são esforços humanos socialmente construídos. Essa afirmação vai ao encontro com as concepções implícitas nos Quatro Pilares da Educação.

Através da percepção e aceitação das Inteligências Múltiplas podemos aceitar as diferenças entre os seres humanos e procurar desenvolver práticas, currículos e avaliações mais eficientes, construindo uma educação de qualidade, crítica e humana, contribuindo para uma vida mais produtiva e feliz, exigências pelo novo conceito de Educação. Podemos perceber como o conceito de educação proposto por Gardner vem ao encontro aos objetivos básicos da educação presentes nos Quatro Pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser.

A educação em nossos dias deve fornecer a base para uma maior compreensão de nossos diversos mundos - o mundo físico, o biológico, o mundo dos seres humanos e o mundo do self... Aprendemos a ler, escrever e computar não para anunciar fatos importantes, nem mesmo para poder fazer um determinado número de pontos num teste de admissão. Antes, a alfabetização, as habilidades e as disciplinas devem ser buscadas como ferramentas que nos permitam aprofundar nossa compreensão de questões, tópicos e temas importantes ...Quero que meus filhos compreendam o mundo, mas não apenas porque o mundo é fascinante e a mente humana, curiosa... Conhecimento não é o mesmo que moralidade, mas, se quisermos evitar erros passados e tomar rumos positivos, precisamos entender. Uma parte importante desta compreensão é saber quem somos e o que podemos fazer (GARDNER, 2000, p.193-94).

A Teoria das Inteligências Múltiplas vem ao encontro aos Quatro Pilares da Educação, quando demonstra o quanto é importante que as pessoas percebam as diferenças não como algo a ser eliminado, mas como uma forma valiosa de aprendizado e convivência, pois o Homem continua aprendendo durante toda a vida.

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO E A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Quando de sua publicação, a Teoria das Inteligências Múltiplas não tinha a intenção de desenvolver nenhuma atividade educacional. Com o tempo percebeu se que os conceitos pertinentes à teoria podiam ser aplicados às práticas educacionais. A teoria das Inteligências Múltiplas não traz implícito nenhum método ou prática pedagógica, somos nós, educadores que devemos perceber de que forma a teoria pode orientar nossa prática.

GARDNER (2000) comenta que desde o começo percebeu que havia diferentes interpretações de sua teoria e de como estava sendo utilizada nas escolas, muitas vezes, de forma errônea e confusa, sem nenhuma fundamentação teórica e científica verdadeira. Sua teoria não aceita a aplicação de baterias de testes, para supostamente se identificar as inteligências predominantes, sua avaliação deve ser inteligentemente justa, examinando as inteligências diretamente pelo convívio e observação, aplicando-se atividades cotidianas e contextualizadas que necessitem a utilização das diferentes inteligências.

A aplicação dos conceitos da teoria na sala de aula deve ser cautelosa. Não podemos confundir inteligência com práticas absurdas, como utilizar alguns movimentos pré-determinados vai desenvolver a inteligência corporal-cinestésica, nem achar que significa modificar as técnicas, utilizando, por exemplo, a música, para a memorização de conteúdos. Não se pode rotular as pessoas através das suas inteligências.

Aplicar qualquer tipo de teoria ou método em uma sala de aula requer um grande compromisso e senso de ética, do educador, pois o ambiente escolar é extremamente complexo e dinâmico e o mesmo ocorre com as Inteligências Múltiplas. O educador deve ter consciência do seu papel, conhecimento profundo da teoria e muito claro o seu objetivo final, estar ciente que todo processo novo é difícil e leva algum tempo para provocar mudanças no processo ensino-aprendizagem.

A teoria de GARDNER (1995) na educação, incentivou, impulsionou e valorizou a diversidade cultural, validando a idéia de que a inteligência é construída culturalmente, dando apoio ao desenvolvimento de hábitos mentais.

Muitas foram às teorias e os métodos desenvolvidos até hoje. Alguns ainda

estão sendo utilizados, mesmo porque, não se precisa negar completamente o antigo para incluir o novo. No Quadro 4, podemos encontrar um quadro comparativo entre a Teoria das Inteligências Múltiplas e alguns dos principais métodos e teorias desenvolvidas e aplicadas à educação, durante as últimas décadas.

	PAPEL DO PROFESSOR	COMO SE PROCESSA A APRENDIZAGEM
Construtivismo	Deve ser vigilante sem ser restritivo, procurando “antecipar” respostas possíveis, encorajando a criança a encontrá-las, aceitando hipóteses provisórias que surgem na aula.	O conhecimento é construído a partir da interação entre a criança e o meio. Conhecer é agir.
Montessori	Seu dever principal é explicar o uso do material. O professor representa a ligação entre o material e a criança.	Na alfabetização usa-se o método fonético apresentando para a criança a letra e o seu som. Associa-se o som a uma imagem conhecida.
Freinet	É orientador, e deve usar seu conhecimento como instrumento de mediação. É amigo, age e aprende com os alunos.	Tateamento experimental. A criança vai dando passos até acertar.
Waldorf	Profundo conhecedor do ser humano, deve usar amor como base da relação com os alunos e ter qualidades artísticas, principalmente criatividade e fantasia.	Varia conforme a faixa etária: 0 à 7, por imitação; 7 à 14 por vivências emocionais e 14 à 21 por cognição intelectual.
Inteligências Múltiplas	É um “fisioterapeuta da inteligência”. Deve abandonar o conceito unitário de inteligência e ver-se não como um repetidor de conceitos, mas como um estimulador de talentos.	Inteligência não é apenas a capacidade de entender alguma coisa, mas também criatividade e compreensão.

QUADRO 4 - Quadro comparativo entre as teorias e métodos

Fonte: Martinho (1999, p.14)

A aplicação dos conceitos de inteligências múltiplas na educação permite uma diversidade de práticas, valores, atividades. A teoria não tem a intenção de ensinar a ensinar, apenas mostra que se pode ensinar o conteúdo abordando-se uma variedade de planos de aula e utilizando diferentes contextos. A aquisição de conhecimentos deve ajudar os alunos a perceber, identificar e utilizar as diferentes habilidades humanas, direcionando-as para eles mesmos.

A educação, na visão das inteligências múltiplas, é perceber que os alunos

estão na escola não apenas para adquirirem conhecimento, mas para aprender a conquistar espaços interiores e exteriores. É transformar a escola em algo vivo para atender a todos os diferentes tipos de educandos.

Gardner afirma que “a qualidade do sistema educacional de uma nação será uma das principais determinantes - talvez a principal – de seu êxito durante o próximo século e para além dele” (1995, p.13).

A Teoria das Inteligências Múltiplas não pode ser vista como o objetivo da escola e sim como um meio de se alcançar os objetivos educacionais do processo ensino-aprendizagem refletidos no currículo escolar.

2.1 Aplicação das Inteligências Múltiplas nas Práticas Pedagógicas.

ROCHA (2003), em seu livro “Este Admirável Mundo Louco”, descreve muito bem a tendência da escola em tentar homogeneizar os alunos, esperando que respondam da mesma forma aos mesmos estímulos. Vejamos:

Eu ia a escola todos os dias de manhã e quando chegava, logo, eu tinha que me meter no vidro. É, no vidro!
Cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não! O vidro dependia da classe em que a gente estudava.
Se você estava no primeiro ano, ganhava um vidro de um tamanho. Se você fosse do segundo ano, seu vidro era um pouquinho maior. E assim, os vidros iam crescendo à medida que você ia passando de ano.
Se não passasse de ano era um horror! Você tinha que usar o mesmo vidro do ano passado. Coubesse ou não coubesse.
Aliás nunca ninguém se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E para falar a verdade, ninguém cabia direito. Uns eram gordos, outros eram muito grandes, uns eram pequenos e ficavam afundados no vidro, nem assim era confortável.
A gente não escutava direito os que os professores diziam, os professores não entendiam o que a gente falava, e a gente nem podia respirar direito...
A gente só podia respirar direito na hora do recreio ou na aula de educação física. Mas aí a gente já estava desesperada de tanto ficar preso e começava a correr, a gritar, a bater uns nos outros. (ROCHA, 2003, p. 35-36).

O processo de homogeneização, tão bem descrito por Ruth Rocha no texto acima, mostra como é perigoso, inclusive para a sociedade, instituir um padrão e aplicá-lo às pessoas. Poucos se sentem à vontade dentro de seus vidros impostos pela sociedade e absorvidos pela educação, entretanto, foi o que buscou se, no processo educativo, durante décadas: medir, comparar, classificar e, finalmente,

excluir.

As inteligências múltiplas podem proporcionar ao professor apoio para o fato de que as crianças possuem mentes muito diferentes umas das outras e, portanto, têm ritmos e características próprias, possuem fraquezas e forças diferentes, renovando, assim, o entendimento quanto ao processo ensino-aprendizagem.

Estimular as inteligências pode ser feito através de práticas bastante simples, utilizando-se de técnicas conhecidas e que desenvolvem de forma abrangente todas as atividades:

- Uso da leitura, do hábito da pesquisa, debates, painéis, elaboração e condução de entrevistas, histórias interativas, literatura de cordel, textos diversos;
- Concursos de música, jingles, slogans, quebra-cabeças, mensagens cifradas
- Exploração do pensamento dedutivo,
- Esportes;
- Vídeo;
- Dança;
- Colagens;
- Fotografia;
- Gincanas;
- Construção de maquetes;
- Histórias em quadrinhos;
- Coral, teatro e mímica;
- Dinâmicas de grupo;
- Debates, autocrítica;
- Campanhas filantrópicas e sociais.

Utilizar o conceito de inteligências múltiplas na escola é buscar a formação de um indivíduo pleno que possa ser , ao mesmo tempo, crítico, participativo, criativo e atuante na sociedade e “permite a constatação de que são todos diferentes, traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível” (PCN,1998, p. 203).

A aplicação da Teoria das Inteligências Múltiplas na sala de aula pressupõe a mudança na organização do currículo, que deixa de ser centrado nas inteligências lingüística e lógico-matemática, para ser organizado de forma a abranger todo o

espectro das inteligências. As crianças não podem ser apenas executoras de tarefas, devem ser levadas a resolver problemas.

A abordagem das inteligências múltiplas na educação mostra como vantagens:

- Melhores oportunidades para desenvolver as habilidades, competências e qualidades dos alunos;
- Ajuda a conseguir um melhor domínio do conteúdo;
- Maior tempo para se efetivar as conexões entre as diferentes áreas dos conteúdos;
- Melhor qualidade e mais flexibilidade no processo de avaliação do educando;
- A inteireza do ser humano;
- Considerar as facilidades como elementos de abordagem dos conteúdos;
- Evitar a supervalorização de algumas inteligências e habilidades;
- Dar chances iguais de desenvolvimento cognitivo.

A educação neste tipo de abordagem deixa de ser algo passivo e se revela um processo dinâmico, não se concentrando apenas nos pontos fracos das crianças. Nesse contexto, o educador, deve agir, não apenas como um especialista em conteúdos, mas como um agente de apoio que, independentemente dos interesses dos alunos, saiba relacioná-los e desenvolvê-los. É fundamental ensinar os alunos a reconhecer suas inteligências e habilidades para que possam ser responsáveis por suas próprias atitudes.

Através da visão das inteligências múltiplas podemos transformar a relação aluno/educador, aluno/aluno, educador/educador e comunidade/escola.

2.2 A Teoria das Inteligências Múltiplas e os Distúrbios de Aprendizagem.

Hoje, os problemas enfrentados pela Educação em relação à aprendizagem são muitos. Dentro da escola coexistem diferentes contextos culturais e o educador acaba sendo o foco de ligação entre esses contextos. O educador terá mais sucesso se entender que quer o aluno apresente um distúrbio de aprendizagem, ou seja, um aluno com necessidades especiais ou um aluno sem essas características, todos aprenderem de forma diferente.

Com o desenvolvimento das teorias de aprendizagem e a evolução do conceito de Educação Inclusiva se faz necessário pensar em qual é a melhor forma de transformar a escola tradicional e em como fazê-lo. Aceitar que os alunos possuem diferentes formas de relacionar se com o mundo e que são essas combinações que fazem com que sejam diferentes é um dos primeiros passos a caminho da escola inclusiva.

Entender a Teoria das Inteligências Múltiplas é interessante para a adoção de práticas pedagógicas, principalmente no que se refere à criança com necessidades especiais, pois entende que as pessoas com distúrbios de aprendizagem ou com necessidades especiais também possuem uma inteligência e podem assimilar os temas contidos por meio desta, basta que o educador descubra como fazer.

Outro ponto importante em se tratando da Teoria das Inteligências Múltiplas é o fato de que ela aceita as diferenças e, justamente por causas dessas diferenças, o educador tem a possibilidade de desenvolver práticas diferenciadas e diversificadas. Assim, conhecer as Inteligências Múltiplas é uma forma que o educador tem de aceitar e se aproveitar das diferenças individuais para exercitar uma Educação plena questionando os modelos tradicionais de educação.

Gardner elaborou sua teoria, justamente tendo por base os caminhos encontrados por pessoas que sofreram acidentes para alcançarem a aprendizagem, descobrindo novas formas de se relacionarem com o mundo. Lembramos que a teoria de Gardner foi escolhida para servir de base a essa pesquisa, justamente porque entende que as pessoas “possuem diferentes tipos de mentes, e por isso aprendem, lembram, desempenham e compreendem de modos diferentes” (1993, p.14).

De acordo com a abordagem de Gardner os alunos não se desenvolvem plenamente, pois o sistema educacional não consegue atender as suas necessidades. Assim, a teoria traz a tona a necessidade de se reconhecer as diferenças individuais e proceder a uma adequação das metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem.

GARDNER (1993) entende que as pessoas tem potencial para desenvolver as inteligências, mas que estas estão atreladas aos estímulos recebidos durante a vida, principalmente na infância e adolescência. Assim, temos que:

Intervenções e treinamento precoce persistentes podem desempenhar um papel decisivo na determinação do nível final de desempenho do indivíduo. Se um comportamento particular é considerado importante por uma cultura,

se consideráveis recursos são dedicados a ele, se o próprio indivíduo está motivado a operar nesta área e se os meios próprios para a cristalização e a aprendizagem são colocados à disposição, quase todo indivíduo normal pode atingir uma competência impressionante em um domínio intelectual ou simbólico. De forma oposta, e talvez mais obviamente, até mesmo o indivíduo mais inatamente talentoso naufragará sem algum ambiente apoiador positivo. A descoberta do perfil intelectual inerente de um indivíduo - que acredito possível- não precisa servir, então, como meio de classificar o indivíduo ou de consigná-lo a uma lixeira intelectual; ao contrário, tal descoberta forneceria um meio para assegurar que todo o indivíduo tenha à sua disposição tantas opções quantas possíveis para atingir a competência em quaisquer campos que ele e sua sociedade considerem importantes (GARDNER, 1993, p.243).

GARDNER (1993) considera que a estimulação precoce da criança é de extrema importância no seu processo de aquisição do conhecimento e no desenvolvimento das suas inteligências. Dessa forma, muito do potencial dos alunos é desperdiçado com práticas e posturas que só visam algumas das inteligências e que tem por finalidade produzir pessoas para ocupar determinados papéis na sociedade, deixando a margem as que não se enquadram no perfil.

Para fugir desse padrão a escola precisa se voltar para o aluno e para as suas necessidades e dificuldades. Ele deve ser o foco. A escola deve oferecer oportunidades para que se desenvolvam dentro das suas características pessoais.

Gardner reitera que na maioria das sociedades a escola tem papel fundamental na formação da inteligência, por ser valorizada culturalmente como espaço de oportunidades de aprendizagem em que a inteligência se revelará. Além da escola, valores sociais e conteúdos considerados necessários à sobrevivência da cultura são determinantes na definição de inteligência por uma sociedade, procurando dar um novo rumo a educação no sentido de se tornar verdadeiramente inclusiva. Gardner entende que as diversas inteligências devem ser ativadas e utilizadas dentro da sala de aula, pois “a vida consiste em mais do que o desenvolvimento de combinações particulares de inteligência para propósitos educacionais específicos” (GARDNER, 1993, p.278).

Para GARDNER (1993) é preciso que o sistema de avaliação escolar seja justo e se utilize de todas as inteligências, só assim será capaz de respeitar o ser humano e seu direito de individual/diferente. Essa forma de avaliação é a favor do aluno e não do sistema excludente. A Teoria das Inteligências Múltiplas no contexto educativo implica, para o educador, em fazer escolhas: excluir que tipo de educador quer ser, pois para que a base da teoria de Gardner se efetive dentro da sala de

aula, o educador precisa ver a diversidade de seus alunos e perceber que esse fato demanda outras formas de ensinar e avaliar.

Diante do exposto fica claro que a Teoria de Gardner entra em consonância com os mais modernos conceitos educativos: respeito às diferenças, a construção de uma sociedade inclusiva e solidária, o direito de ser quem podemos e queremos ser.

CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Diante do que foi apresentado, nos capítulos anteriores, podemos, com maior conhecimento discutir os dados coletados a partir dos questionários. O questionário teve como objetivo principal identificar o conhecimento dos educadores em relação aos distúrbios e dificuldades de aprendizagem e sua abordagem pedagógica.

A coleta dos dados foi feita através da aplicação de um questionário que se encontra no Apêndice A, visando obter do educador respostas às questões propostas, pois nossa intenção é revelar a sua visão atual das dificuldades/distúrbios de aprendizagem, bem como a influência desta nas suas práticas educativas.

A pesquisa foi realizada com 11 educadores sendo 3 da rede municipal, 3 da estadual, 3 da particular e 2 educadores aposentados. Todos os participantes são moradores da zona norte da cidade de São Paulo e lecionam em escolas desta região. A amostragem é pequena, mas pode nos fornecer importantes dados sobre o tema. A pesquisa foi realizada, no período de setembro a dezembro de 2007.

As perguntas de 1 a 5 procuram estabelecer o perfil do educador e as de 6 a 13 buscam conhecer e avaliar o conhecimento dos educadores sobre os distúrbios de aprendizagem, suas práticas e o contexto escolar onde ocorrem.

Após a coleta dos dados a sua tabulação e análise foram feitas através da verificação quantitativa e qualitativa das respostas. Uma análise e interpretação dos dados de forma mais eficiente e representativa foi realizada de acordo com os instrumentos de coleta e os sujeitos envolvidos. Utilizou-se, também de diferentes formas de representação como gráficos e transição de falas, quando demonstraram ser representativas e importantes para o tema da pesquisa.

O gráfico 1 apresenta em porcentagem, uma relação entre as perguntas 1 e 4, no sentido de fornecer uma visão geral de para qual rede de ensino o entrevistado trabalha/trabalhou. Os educadores aposentados, na sua totalidade trabalharam para as três redes de ensino em algum momento de sua trajetória. Dos 3 educadores da rede municipal, 33% trabalham na rede de ensino estadual e o restante apenas na municipal. Dos educadores entrevistados da rede estadual temos que 33% também lecionam na rede estadual e outros 33% na rede particular. Em relação aos educadores da rede particular todos trabalham apenas nessa rede, mesmo quando

possuem dois turnos de trabalho.

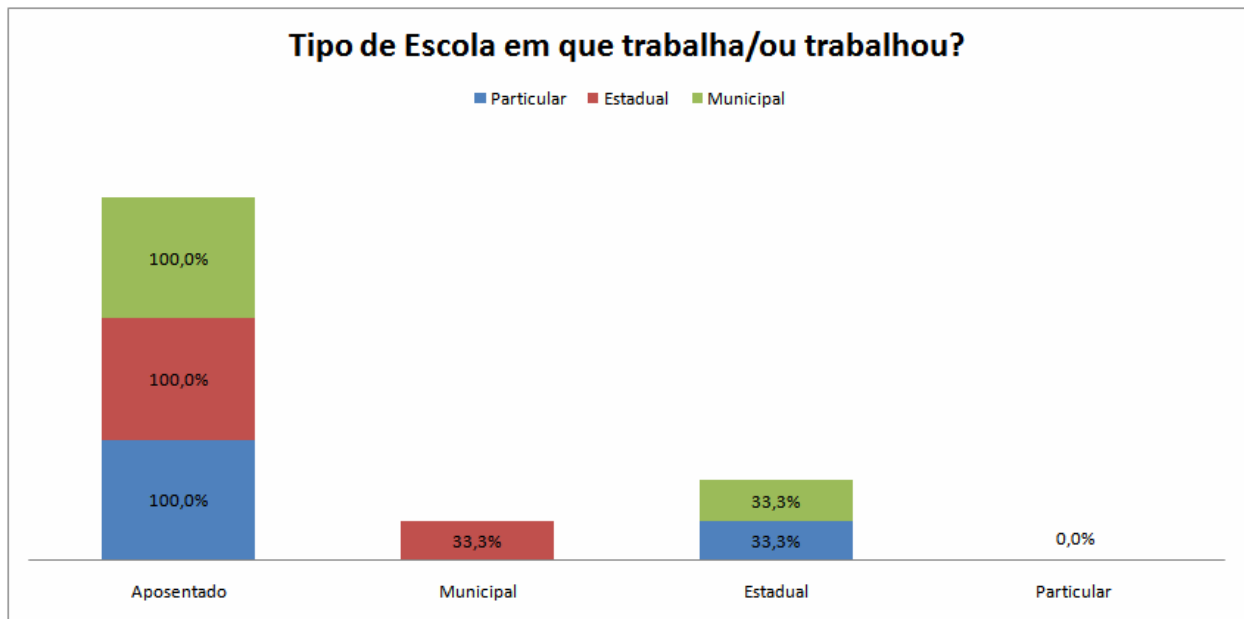


GRÁFICO 1 – Rede de Ensino para qual Trabalha

Fonte: Questionário

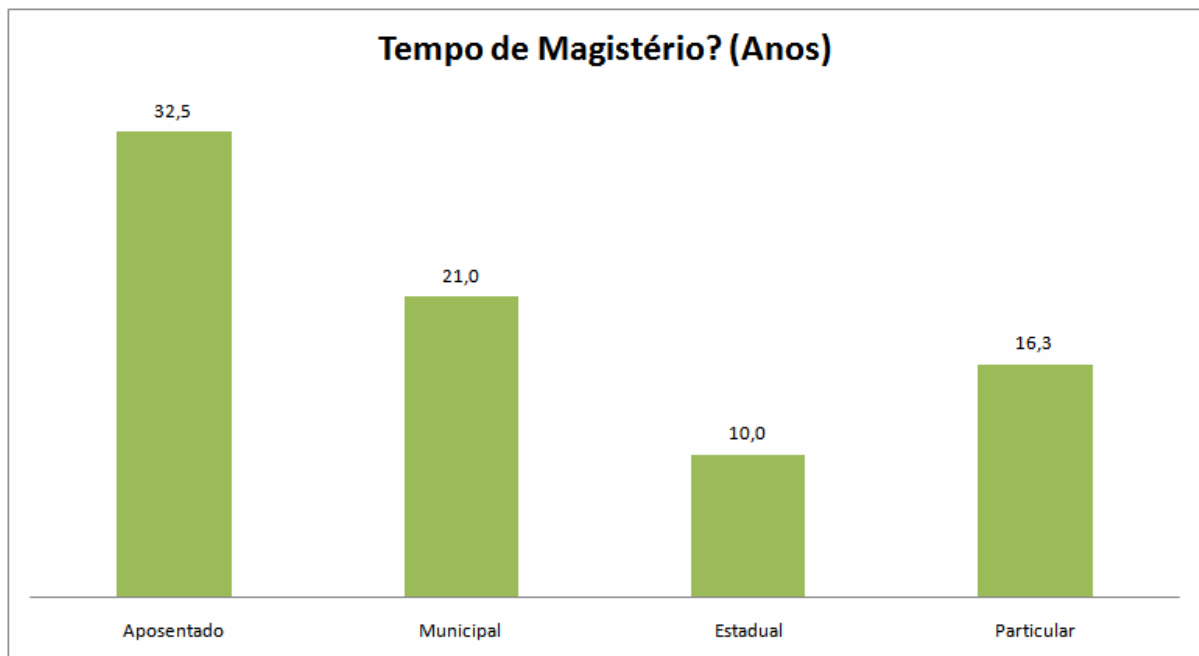


GRÁFICO 2 – Tempo de Magistério

Fonte: Questionário.

A segunda pergunta, representada no gráfico acima, nos mostra o tempo de serviço dos entrevistados. Novamente apresentaremos os resultados de forma

correlacionada. As porcentagens se referem a média dos anos dos entrevistados. Para os aposentados temos 32, 5 de anos de serviço, para o da rede municipal 21 de serviço, para os da estadual, 10 anos de serviço e para os da rede particular um pouco mais que 16 anos.

Diante dos dados obtidos percebemos que os educadores da rede estadual são os que têm menos tempo de serviço no magistério seguidos pelos da rede particular. Nenhuma das entrevistadas é aposentada e trabalha em alguma das redes de ensino. Dentre todos entrevistados temos que 82% não estão aposentados e 18% se encontram aposentados, como vemos no gráfico abaixo:

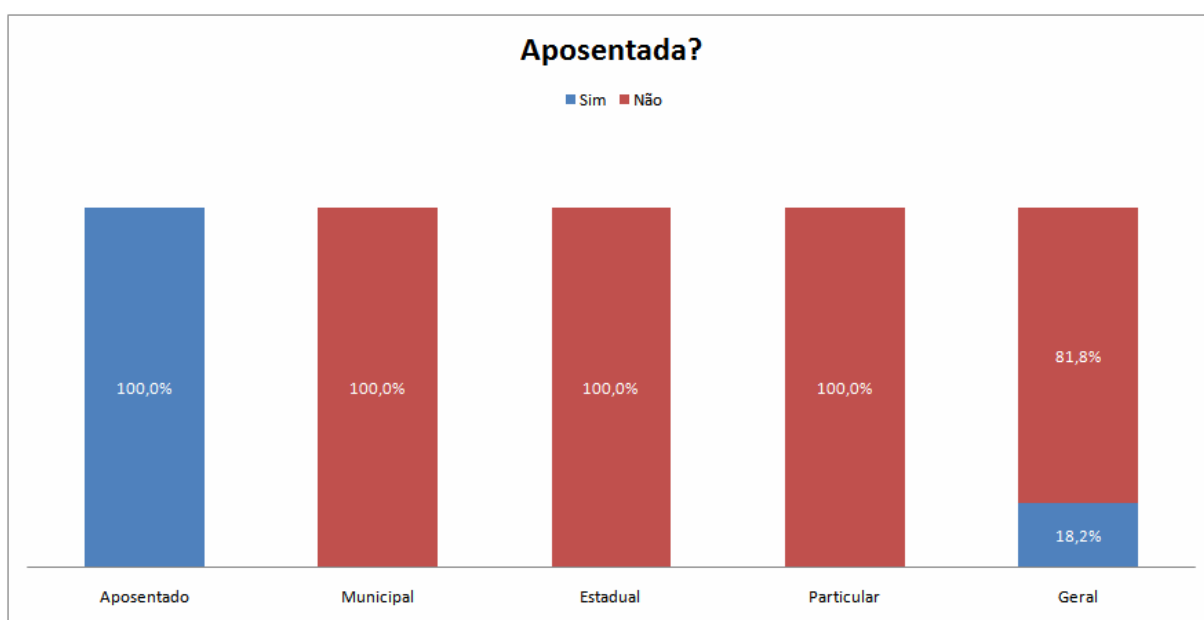


GRÁFICO 3 – É aposentada?

Fonte: Questionário.

Os resultados obtidos por meio da questão 4 estão retratados no gráfico 4. Dessa questão podemos dizer que grande maioria dos entrevistados acumula ou acumulou cargos. A totalidade de educadores da rede municipal acumula cargos, ou melhor, leciona em mais de um turno. Levando-se em conta todos os entrevistados temos que aproximadamente 55% dos entrevistados acumulam cargo e 45% não.

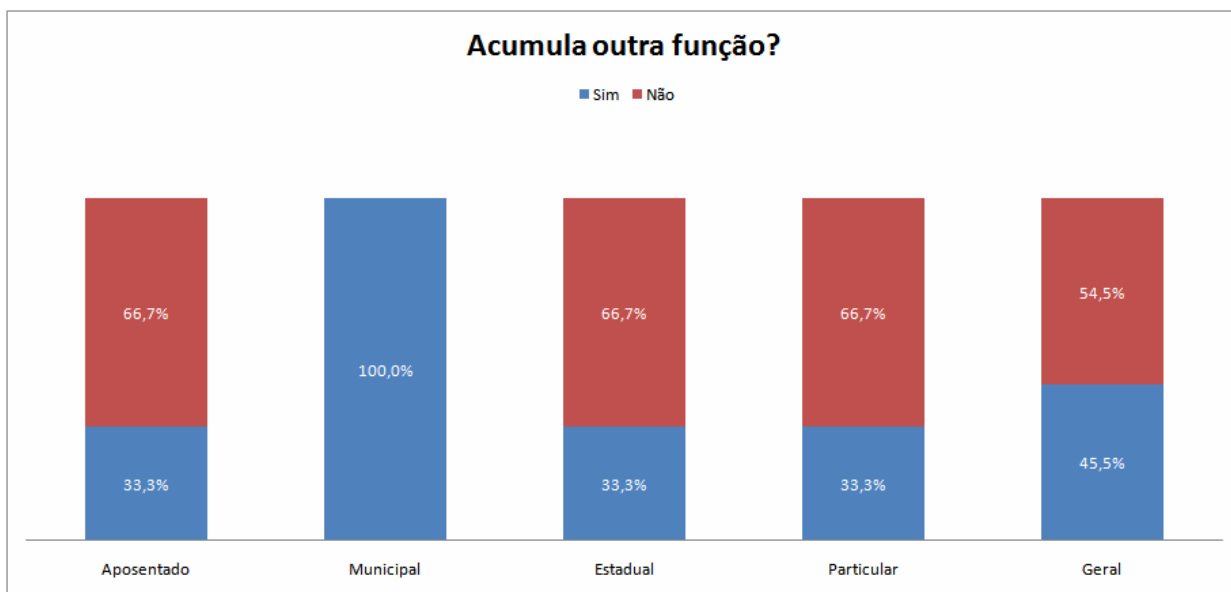


GRÁFICO 4 – Acúmulo de Cargo

Fonte: Questionário.

Em relação a séries em que atuam/atuaram os educadores entrevistados foi observado que na rede municipal dois lecionam para a 3ª série e um para a 4ª série do Ensino Fundamental. Os da rede estadual: um para a 2ª série, um para a 3ª série e um para a 1ª e 4ª série do Ensino Fundamental. Na rede particular as séries foram um para a 1ª, um para 2ª e um para a 4ª série do Ensino Fundamental. Uma das educadoras aposentadas afirmou ter trabalhado para todas as séries do Ensino Fundamental e para as do Ensino Médio, apenas não atuou na Educação Infantil. A outra educadora aposentada se absteve de responder.

Com essa última questão fechamos a primeira parte da apresentação e análise dos dados. Assim, pelo que foi constatado da análise das 5 primeiras perguntas, podemos estabelecer o perfil dos educadores entrevistados:

- Os educadores na ativa têm, no mínimo 10 anos de magistério, ou seja, não são educadores inexperientes;
- A maioria trabalha em dois turnos, na busca de uma renda maior;
- Lecionam para as 4 primeiras séries do ensino Fundamental, portanto podem ser considerados educadores alfabetizadores.

Prosseguindo, no gráfico 5, referente a questão 6 “O que você faz para reconhecer alunos com distúrbios de aprendizagem?” temos que os aposentados optaram pelas alternativas C (observa com atenção e a forma como o aluno desempenha tarefas) e D (outros). Os da rede municipal, na sua maioria (67%) optaram pela alternativa B (Observa o desenvolvimento cognitivo para o

reconhecimento das aptidões e habilidades) e o restante a alternativa C. Os educadores da rede estadual tiveram os mesmos resultados dos da municipal.

Em relação aos da rede particular todos responderam a opção B e opção C ou D. Nenhum dos entrevistados marcou a alternativa A (relaciona o aluno ao processo de maturação).

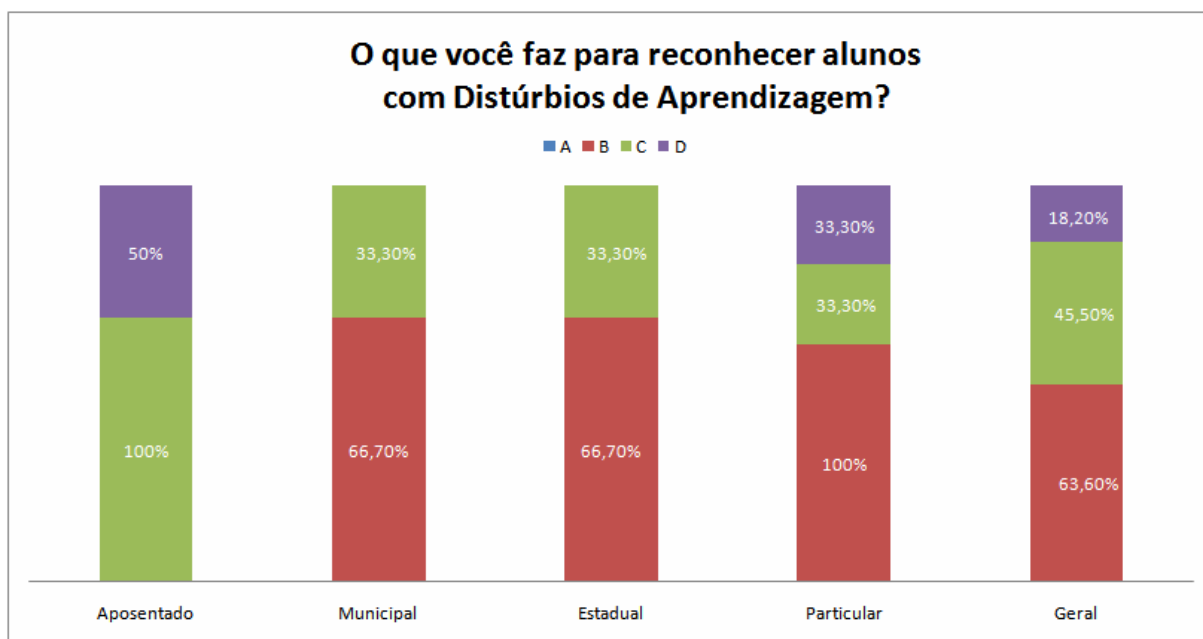


GRÁFICO 5 – Atitudes para Reconhecer alunos com Distúrbios de Aprendizagem

Fonte: Questionário.

A pergunta 7 “Quais os fatores mais importantes a serem observados para a orientação de um aluno com distúrbios de aprendizagem” está representada no gráfico 6. Os educadores aposentados responderam principalmente a alternativa A (considerar as etapas do desenvolvimento) e as alternativas B (capacidade de concentração durante a aula), C (convívio social, o tratamento dispensado aos colegas) e D (outros). No item D os mais citados foram, baixa produtividade, tarefas incompletas, desorganização, devaneios.

Os educadores da rede municipal tiveram 100% de respostas positivas para a opção A seguida da opção B. Na estadual novamente foi constatado que todos os educadores marcaram a alternativa A, como segunda opção a alternativa C, o que é diferenciada da segunda opção da rede Municipal.

Na rede particular foram três alternativas citadas A, B e C, mas nenhuma por todos. Comparando-se as respostas a mais freqüente foi a alternativa A. Portanto,

podemos concluir que o principal fator a ser observado são as etapas de desenvolvimento da criança.

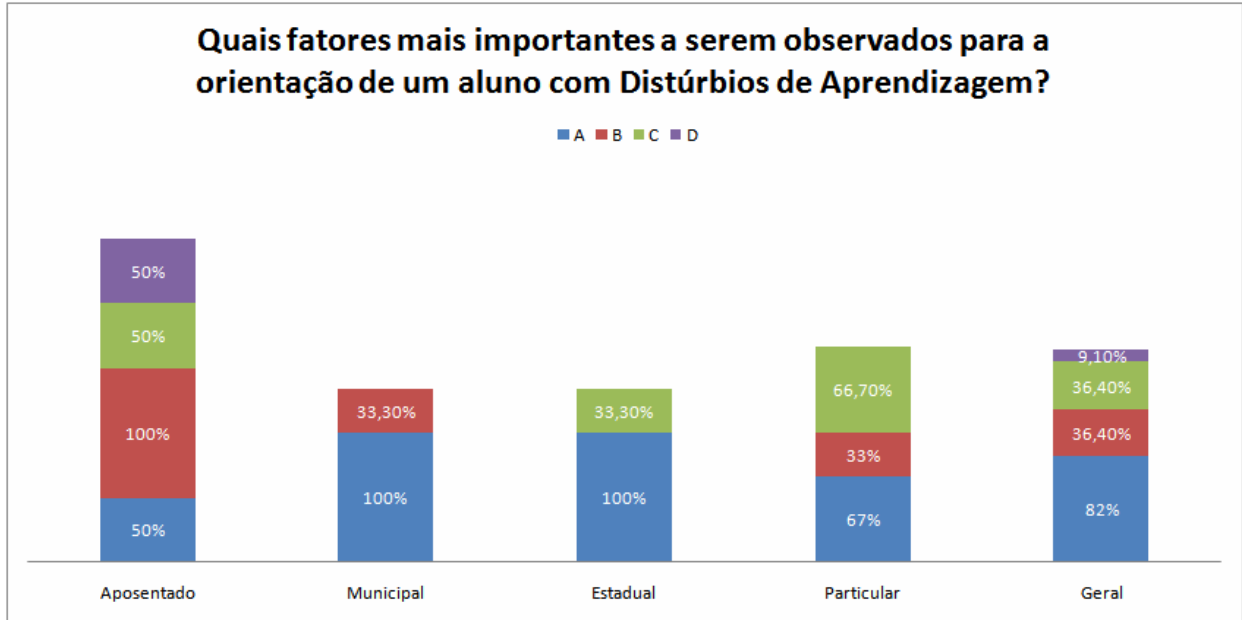


GRÁFICO 6 – Fatores a serem Observados para Orientação de alunos com Distúrbios de Aprendizagem

Fonte: Questionário

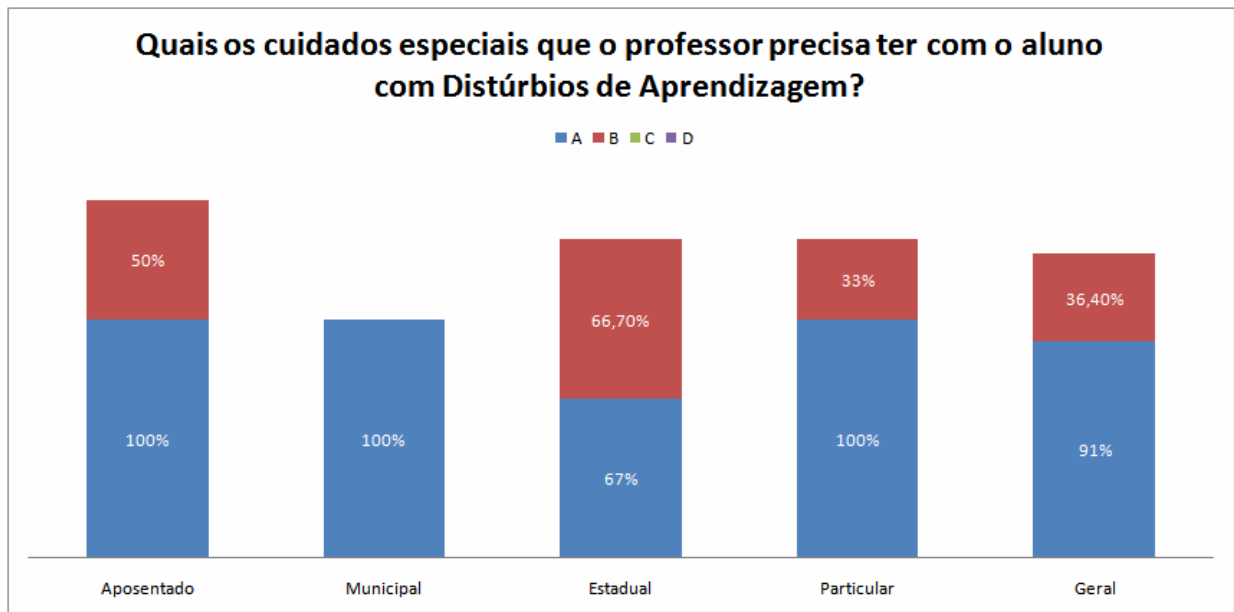


GRÁFICO 7 – Cuidados que os professores precisam ter com o aluno com Distúrbios de Aprendizagem

Fonte: Questionário

Para a pergunta 8 (gráfico 7) obtivemos apenas as alternativas A (entender

suas limitações e trabalhar sempre para que ele as supere) e B (desenvolver atividades sabendo para que servem). Dentre as duas opções a mais citada foi a A, sendo que todos os educadores da rede municipal responderam apenas esta alternativa.

A pergunta 9 foi aberta e para sua análise foi montado um quadro com os principais distúrbios citados. Neste quadro podemos observar que os distúrbios apresentados com maior frequência são a hiperatividade e a dislexia, talvez porque sejam os primeiros que os médicos tendem a investigar. Uma coisa é certa, muitos são os distúrbios de aprendizagem dentro da sala de aula, indo de problemas sociais a sérios distúrbios que necessitam de acompanhamento médico, psicológico e de um psicopedagogo.

APOSENTADOS	<ul style="list-style-type: none"> • Hiperatividade: • Déficits lingüísticos • Falhas na percepção visual e auditiva • Raciocínio ou habilidades matemáticas • Dislexia • Disgrafia
MUNICIPAL	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetização • Calculo mental • Resolução de problemas • Falta de interesse/concentração • Dislexia • Ausência ou descaso da família • Dificuldade em executar atividades
ESTADUAL	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de aprendizagem • Hiperatividade • Discalculia • Disgrafia
PARTICULAR	<ul style="list-style-type: none"> • Dislexia • Disgrafia • Hiperativos • Disturbios fonológicos • Síndrome de Aspergen

QUADRO 5 – Distúrbios de Aprendizagem mais Freqüente

Fonte: Questionário

Procurando identificar qual a visão dos educadores entrevistados em relação ao aluno hiperativo, a questão 10 indagou quais as semelhanças entre o hiperativo e o disperso. O resultado foi o gráfico 8. Houve uma grande incidência, como mostra o gráfico, da alternativa C (são facilmente distraídos por estímulos externos). Apenas

os educadores aposentados deveriam e optando pela alternativa B (dificuldade de organização).

Assim, concluímos que para os educadores na ativa a semelhança fundamental nas características entre um aluno disperso e um hiperativo é que são facilmente distraídos por estímulos externos.

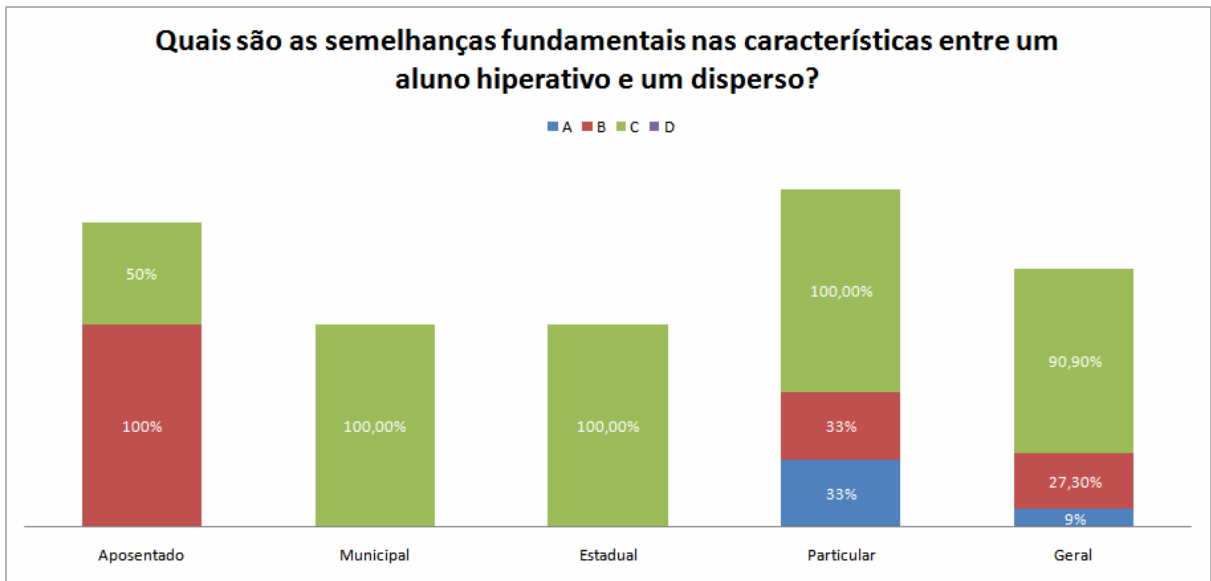


GRÁFICO 8 – Semelhança Fundamental nas Características do Hiperativo e do Disperso

Fonte: Questionário

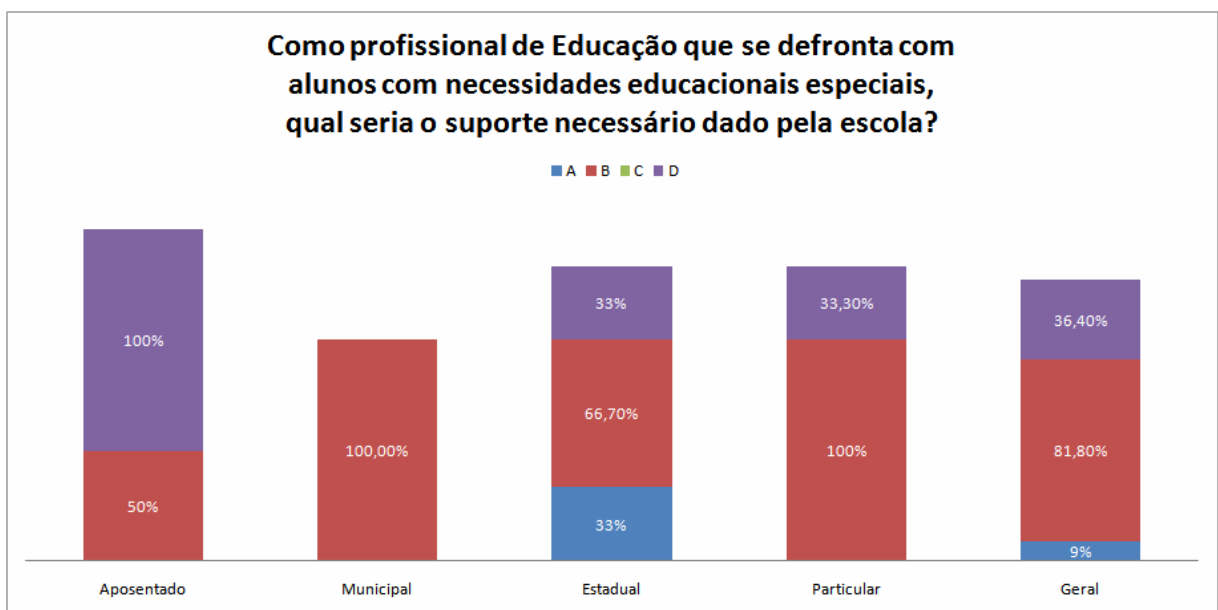


GRÁFICO 9 – Suporte Necessário Dado pela Escola

Fonte: Questionário

Tentando identificar quais os suportes oferecidos pela escola em relação as necessidades educacionais especiais obtivemos os seguintes resultados: para os educadores da rede particular, municipal e estadual a principal providencia seria fazer um pedido de avaliação através de anamnese detalhada, do estado orgânico e psíquico da criança e para os aposentados são entre outros métodos pedagógicos adequados e avaliação com profissionais competentes.

Pelo que constatamos os educadores, de forma geral, acreditam que a principal atitude para a melhoria do trabalho na sala de aula, passa pela necessidade de um diagnóstico com médicos especialistas, para que possam redirecionar suas práticas de acordo com as verdadeiras necessidades dos alunos.

Entretanto, sabemos das dificuldades dessa prática para os educadores da rede estadual e municipal, pois a maioria dos alunos não tem como pagar por consultas particulares e o agendamento nos postos de saúde e hospitais é demorado e, muitas vezes não há especialistas nas áreas ou não cobre determinados exames.

Para a pergunta 12 “De que forma o professor pode atualizar-se a respeito de Distúrbios de aprendizagem” obtivemos as seguintes respostas: a totalidade dos educadores entrevistados acredita que a melhor forma de se atualizar é fazendo cursos de capacitação (alternativa D).

A segunda mais citada é a alternativa C (discutir, sempre que possível, com a equipe multidisciplinar). A leitura de livros e revistas especializadas também teve muita incidência.

Dessa forma, entendemos que os educadores tem credibilidade nos cursos de capacitação e veem neles uma boa forma de se manterem atualizados. A troca de experiências e vivencias também tem papel fundamental para os educadores, já que foi a segunda alternativa mais citada.

Esse fato demonstra que os educadores tendem a buscar apoio nos seus semelhantes, na intenção de encontrarem exemplos de práticas bem sucedidas que possam ser adequadas às suas necessidades. O gráfico 10 representa os resultados obtidos.

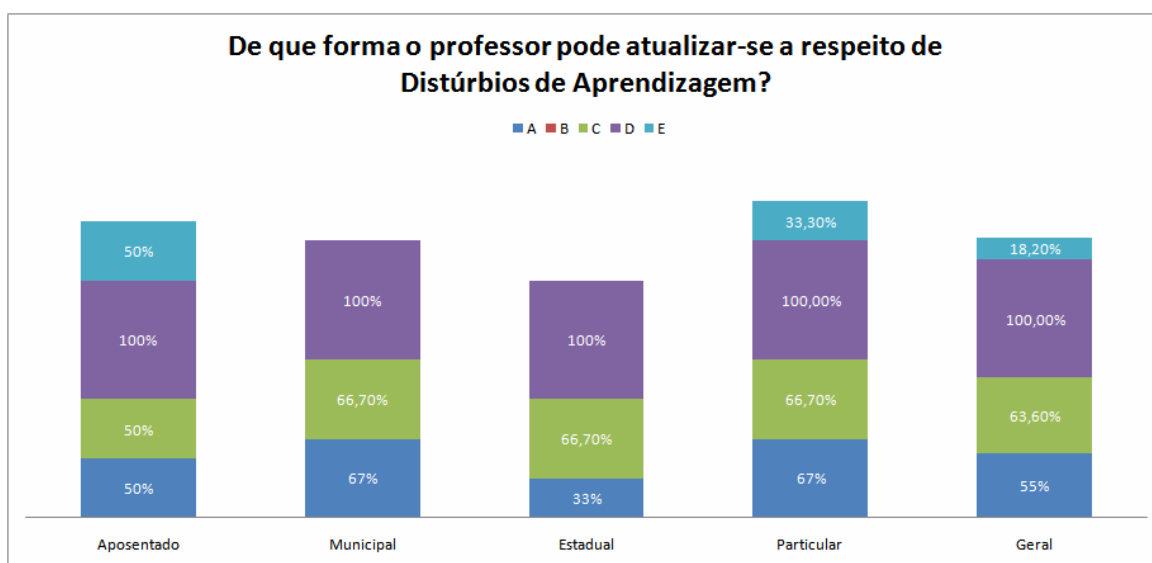


GRÁFICO 10 – Como Os Professores se Atualizam?

Fonte: Questionário

Finalizando a apresentação dos dados e resultados, temos o quadro 6 que representa a fala mais significativa de cada grupo de educador para a pergunta “Como deve ocorrer a interação dos alunos com distúrbios de aprendizagem numa sala de aula?”

GRUPO	FALA
APOSENTADOS	<i>“... o professor deve criar situações e fazer uso de estratégias mais estimulantes para despertar o interesse da criança, aumentando a sua auto-estima...”</i>
MUNICIPAL	<i>“Desenvolver atividades em grupo respeitando as diferenças e o professor fazer intervenções adequadas, propiciando avanços.”</i>
ESTADUAL	<i>“Tem que ocorrer naturalmente com inserção social, orientar a sala quando necessário, oferecer atividades adequadas para os alunos.”</i>
PARTICULAR	<i>“Dar às crianças a motivação de que necessitam para se sentirem seres humanos competentes e bem-sucedidos. Elas devem ter um ambiente seguro e estimulante, onde possam aprender em uma atmosfera de paciência e respeito.”</i>

QUADRO 6 – Interação do Alunos com Distúrbios de Aprendizagem

Fonte: Questionário

Percebemos que a fala dos educadores está em sintonia com os preceitos da Teoria das Inteligências Múltiplas. Duas falas em especial completam e integram o processo educativo com a teoria de Gardner e os questionamentos propostos no início da pesquisa:

“Respeitar as limitações e a individualidade de cada educando não significa tratá-los diferente, significa atuar diferente com cada um...” (educador da rede particular).

“... O calendário oficial exige que todas as crianças aprendam no mesmo ritmo e do mesmo jeito, mas as crianças com D.A. necessitam aprender em ritmos diferentes e de modos diferentes...” (educador aposentado).

CONCLUSÃO

Muito mais que aplicar métodos e teorias é preciso buscar meios que provoquem mudanças mais permanentes e fundamentais na educação e, conseqüentemente na vida. Encontrar caminhos e objetivos educacionais é um processo difícil e, muitas vezes, doloroso, tanto para o aluno quanto para os educadores.

A grande contribuição da Teoria das Inteligências Múltiplas para a educação é a percepção de que todos tem diferentes processos mentais, que resultam em múltiplas maneiras de ver e compreender o mundo. É função do educador, percebê-las e utilizar formas mais adequadas para ajudar seus alunos adquirirem o conhecimento. Esse é o maior desafio do educador: conhecer os alunos como eles realmente são, centrando suas forças nas capacidades e dificuldades.

A Teoria das Inteligências Múltiplas não traz nenhum conceito novo, no sentido metodológico, é muito mais uma ferramenta para a compreensão, por parte do educador, das diversas possibilidades e formas de compreensão do mundo pelos alunos. Possibilita ao educador compreender e respeitar as diferenças individuais e valorizar as habilidades e competências dos alunos. Reconhecendo os diversos modos de aprendizagem dos alunos, o educador, pode propor estratégias de ensino e métodos que serão mais eficientes para cada individuo.

Para que ocorra uma mudança verdadeira precisamos, antes de tudo, crer que irá acontecer. Não adianta implementar uma nova visão, fazer um discurso bonito, defender a heterogeneidade e, dentro da escola, na sala de aula, perpetuar velhas crenças e continuar buscando a uniformidade e a homogeneidade. É preciso transformar e reformular as ações dos docentes e discentes.

A transformação só ocorrerá quando mudarmos a nossa forma de pensar sobre o mundo, esta só poderá ocorrer mediante uma reflexão sistemática, crítica e com mudanças de hábitos. O educador deve romper com a cultura pedagógica fundamentada no senso-comum e ampliar a sua visão e a de seus alunos.

O tema abordado neste trabalho, mais do que tudo, serve de alerta para que haja uma conscientização crítica dos educadores, permanentemente expostos as constantes transformações da sociedade e das relações interpessoais, sociais,

culturais, políticas e de trabalho.

A priorização do conhecimento como forma de compreender melhor o mundo, possibilita a todos acesso a cultura acumulada. O comprometimento com a mudança e o desenvolvimento social, não pode ser visto apenas como uma utopia, mas como uma realidade possível.

O educador, para buscar essa nova forma de educar, precisa ter uma postura crítica de sua prática pedagógica, interagir com os alunos, articulando as dimensões cognitivas, lúdicas, estética, afetiva e social, aperfeiçoando as inteligências e competências dos seus alunos e, conseqüentemente, as suas habilidades e competência também, respeitando o pluralismo e convicções de cada um.

A Educação do século XXI tornou-se algo desafiador que precisa ultrapassar os muros da escola e atingir a vida pessoal e social de cada aluno. Quanto mais o educador conhecer o outro, maior será a eficácia da sua ação pedagógica, mas devemos admitir e conhecer cada aluno como ele realmente é e do que é capaz de fazer, isso é algo extremamente difícil, mas possível.

Conclue-se que a Teoria das Inteligências Múltiplas nos faz refletir e constatar que todo aluno tem potencial e cabe ao educador descobri-los e criar condições e ambiente favorável para que desenvolva sua potencialidade. Isso propicia reflexões acerca dos distúrbios de aprendizagem verificados dentro da sala de aulas e pode auxiliar o educador a entender melhor os seus alunos, reconhecendo e aproveitando as diversas inteligências dos mesmos. Assim, pode-se administrar em sala de aula, tanto a igualdade como a diferença, obtendo-se uma aprendizagem efetiva e duradoura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Ryon. **Inteligência: temos uma ou várias?** Disponível em http://www.uol.com.br/aprendiz/aprenderonline/aprender/mat_exclusivos. Acesso em 20 jan. 2005.

BRASIL.Ministério da Educação **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEC, 1998.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. São Paulo: UNESCO/MEC/Cortez, 2001.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Inteligência : um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MARTINHO, Luís Mauro. Métodos e teorias pedagógicas. **Revista da Educação**. São Paulo, nº221, p. 26-31, 1999.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Ed 34, 1999.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. In: *Este Admirável Mundo Louco*. São Paulo: Salamandra, 2003.

Apêndice A – Modelo do Questionário Aplicado aos Educadores

Questionário

1. Escola: () particular () pública : () estadual () municipal
2. Tempo de magistério: _____
3. Aposentada: () sim () não
4. Acumula outra função: () sim () não Qual? _____
5. Série escolar em que atua: _____
6. O que você faz para reconhecer alunos com Distúrbios de Aprendizagem?
A () relaciona o aluno ao processo de maturação
B () observa o desenvolvimento cognitivo para o reconhecimento das aptidões e habilidades.
C () observa a atenção e a forma como o aluno desempenha tarefas
D () Outros
Quais? _____
7. Quais os fatores mais importantes a serem observados para orientação de um aluno com Distúrbios de Aprendizagem?
A () considerar as etapas do desenvolvimento
B () capacidade de concentração durante a aula
C () convívio social, observando o tratamento para com os colegas
D () Outros
Quais? _____
8. Quais os cuidados especiais que o professor precisa ter com o aluno com Distúrbios de Aprendizagem?
A () entender suas limitações e trabalhar sempre para que ele as supere
B () desenvolver atividades sabendo para que servem
C () dar muitas atividades com expressão corporal
D () Outros
Quais? _____
9. Quais os Distúrbios de Aprendizagem mais freqüentes em sua prática escolar?

10. Quais são as semelhanças fundamentais nas características entre um aluno hiperativo e um disperso:

- A () intrometidos, mexem sempre com os colegas
- B () dificuldades na organização
- C () são facilmente distraídos por estímulos externos
- D () Outros

Quais? _____

11. Como profissional de Educação que se defronta com alunos com necessidades educacionais especiais, qual seria o suporte necessário dado pela escola?

- A () estimular o programa escolar
- B () avaliação através de uma anamnese detalhada, o estado orgânico e psíquico da criança
- C () questionar a criança se é um problema de inadaptação da escola
- D () Outros

Quais? _____

12. De que forma o Professor pode atualizar-se a respeito dos Distúrbios de Aprendizagem?

- A () acompanhar matérias em livros, jornais e revistas especializadas
- B () acompanhar programas do governo
- C () discutir, sempre que possível, com equipe multidisciplinar
- D () fazer cursos de capacitação
- E () Outros

Qual? _____

13. Como deve ocorrer a interação dos alunos com Distúrbios de Aprendizagem numa sala de aula?

ANEXOS – Questionários com devolutivas, para elaboração da pesquisa